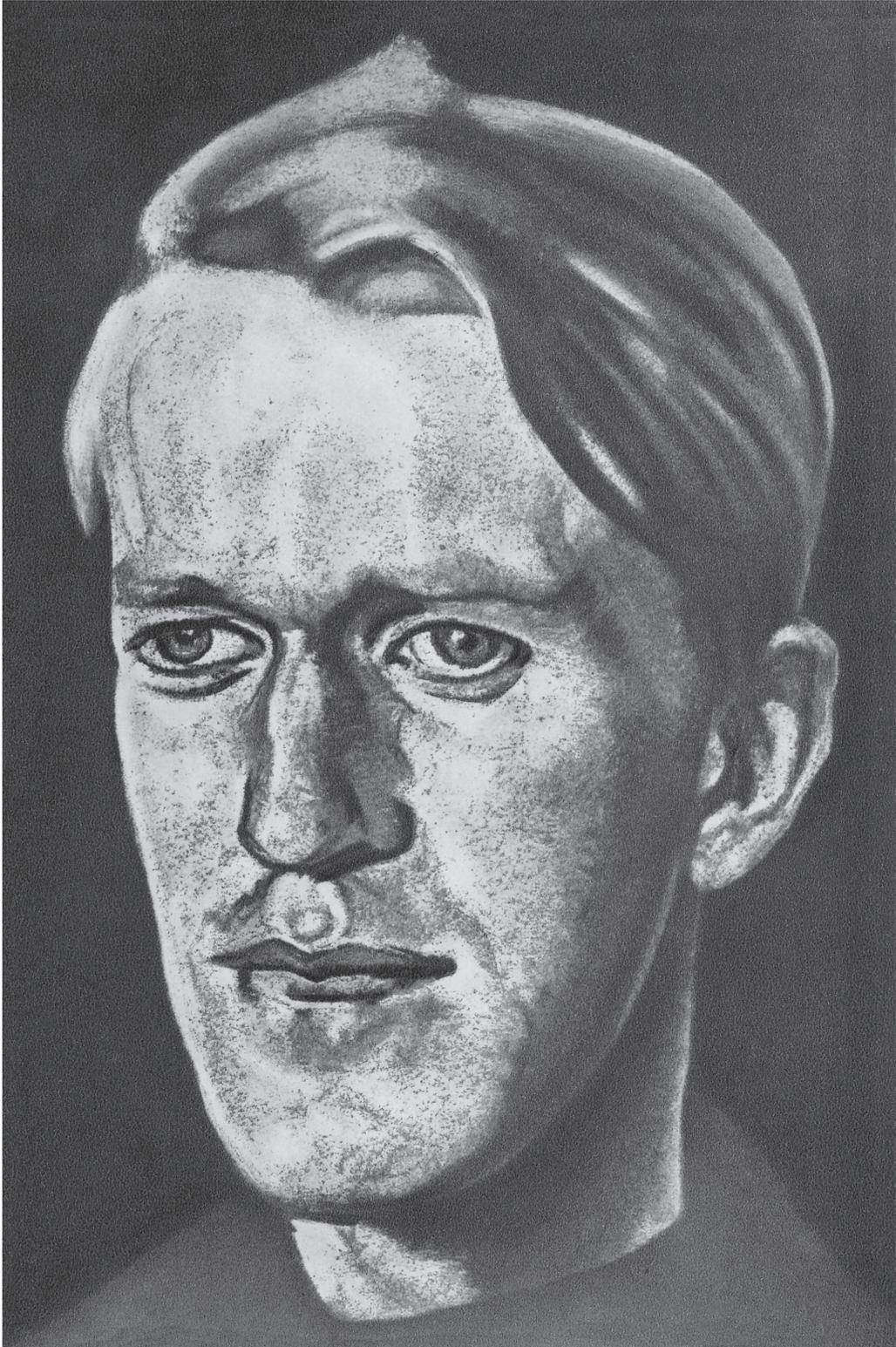


T. E.
LAWRENCE
OS SETE PILARES
DA SABEDORIA

Tradução do inglês (Inglaterra)
por Marcelino Amaral





Autor

Índice

Ilustrações	13
Mapas	13
Para S. A.....	15
Prefácio de A. W. Lawrence	19
Capítulo Introdutório.....	27

INTRODUÇÃO OS FUNDAMENTOS DA REVOLTA

Capítulo I	36
Capítulo II.....	41
Capítulo III	47
Capítulo IV	53
Capítulo V.....	59
Capítulo VI	65
Capítulo VII	73

LIVRO I A DESCOBERTA DE FAIÇAL

Capítulo VIII.....	79
Capítulo IX.....	87

Capítulo X.	93
Capítulo XI.	101
Capítulo XII	108
Capítulo XIII.	113
Capítulo XIV.	121
Capítulo XV	126
Capítulo XVI.	132

LIVRO II
COMEÇA A OFENSIVA ÁRABE

Capítulo XVII.	140
Capítulo XVIII	143
Capítulo XIX	149
Capítulo XX	154
Capítulo XXI	160
Capítulo XXII.	165
Capítulo XXIII	169
Capítulo XXIV	176
Capítulo XXV.	184
Capítulo XXVI	191
Capítulo XXVII	196

LIVRO III
UMA MANOBR A DE DIVERSÃO
NO CAMINHO-DE-FERRO

Capítulo XXVIII.	200
Capítulo XXIX.	205
Capítulo XXX.	209
Capítulo XXXI.	214
Capítulo XXXII	221
Capítulo XXXIII.	227
Capítulo XXXIV.	238
Capítulo XXXV	246
Capítulo XXXVI.	256
Capítulo XXXVII	261
Capítulo XXXVIII	268

LIVRO IV
A TOMADA DE AQABA

Capítulo XXXIX	277
Capítulo XL	283
Capítulo XLI	289
Capítulo XLII	296
Capítulo XLIII	302
Capítulo XLIV	308
Capítulo XLV	314
Capítulo XLVI	321
Capítulo XLVII	327
Capítulo XLVIII	332
Capítulo XLIX	341
Capítulo L	347
Capítulo LI	354
Capítulo LII	358
Capítulo LIII	364
Capítulo LIV	372

LIVRO V
MARCANDO O TEMPO

Capítulo LV	380
Capítulo LVI	385
Capítulo LVII	391
Capítulo LVIII	397
Capítulo LIX	403
Capítulo LX	412
Capítulo LXI	417
Capítulo LXII	423
Capítulo LXIII	428
Capítulo LXIV	433
Capítulo LXV	438
Capítulo LXVI	442
Capítulo LXVII	448
Capítulo LXVIII	456

LIVRO VI
O ASSALTO ÀS PONTES

Capítulo LXIX	464
Capítulo LXX	469
Capítulo LXXI	474
Capítulo LXXII	479
Capítulo LXXIII	486
Capítulo LXXIV	493
Capítulo LXXV	502
Capítulo LXXVI	508
Capítulo LXXVII	515
Capítulo LXXVIII	521
Capítulo LXXIX	526
Capítulo LXXX	533
Capítulo LXXXI	541

LIVRO VII
A CAMPANHA DO MAR MORTO

Capítulo LXXXII	550
Capítulo LXXXIII	558
Capítulo LXXXIV	566
Capítulo LXXXV	572
Capítulo LXXXVI	578
Capítulo LXXXVII	584
Capítulo LXXXVIII	591
Capítulo LXXXIX	596
Capítulo XC	603
Capítulo XCI	608

LIVRO VIII
A RUÍNA DAS GRANDES ESPERANÇAS

Capítulo XCII	612
Capítulo XCIII	618
Capítulo XCIV	625

Capítulo XCV	634
Capítulo XCVI	640
Capítulo XCVIII	645

LIVRO IX
BALANÇO PARA UM ÚLTIMO ESFORÇO

Capítulo XCVIII	650
Capítulo XCIX	657
Capítulo C.	666
Capítulo CI	669
Capítulo CII	674
Capítulo CIII.	680
Capítulo CIV.	686
Capítulo CV	691
Capítulo CVI.	697

LIVRO X
A CASA É TERMINADA

Capítulo CVII	704
Capítulo CVIII	712
Capítulo CIX.	718
Capítulo CX	724
Capítulo CXI.	728
Capítulo CXII.	732
Capítulo CXIII	736
Capítulo CXIV	746
Capítulo CXV	751
Capítulo CXVI	757
Capítulo CXVII.	762
Capítulo CXVIII	771
Capítulo CXIX	777
Capítulo CXX.	784
Capítulo CXXI	789
Capítulo CXXII	795

Epílogo	799
Apêndice I	801
Apêndice II	805
Índice toponímico	809
Índice onomástico	817

Ilustrações

Autor	Frontispício	<i>pastel</i>	Kennington
Faiçal	pág. 112	<i>óleo</i>	John
Emir Abdulla	pág. 264	<i>pastel</i>	Kennington
Auda Abu Tayi	pág. 303	<i>pastel</i>	Kennington
Uma aterragem forçada	pág. 368	<i>tinta da china</i>	Kennington
Vento	pág. 369	<i>tinta da china</i>	Kennington
Autor	pág. 454	<i>óleo</i>	John
Allenby	pág. 495	<i>pastel</i>	Kennington
Tentativa abortada	pág. 519	<i>tinta da china</i>	Kennington
Jardim infantil	pág. 557	<i>tinta da china</i>	Kennington
Um método literário	pág. 643	<i>tinta da china</i>	Kennington
Bombardeamento no uade Fara	pág. 744	<i>óleo</i>	Carline
Entrada em Damasco	pág. 782	<i>fotografia</i>	
César	pág. 794	<i>tinta da china</i>	Kennington

Mapas

Mapa 1	pág. 40
Mapa 2	pág. 78
Mapa 3	pág. 88
Mapa 4	pág. 276

Capítulo I

Parte do mal no meu relato talvez seja intrínseco às circunstâncias. Durante anos, vivemos uns com os outros, de qualquer modo, no deserto nu, sob um céu indiferente. Durante o dia, o sol fermentava-nos, ardente; e o vento fustigador entontecia-nos. De noite, éramos maculados pelo orvalho, e os silêncios incontáveis das estrelas reduziam-nos à nossa vergonhosa pequenez. Éramos um exército centrado em si próprio, sem paradas nem pompas, dedicado à liberdade, defensor dos credos humanos, um propósito de tal forma voraz que devorava as nossas forças, uma esperança tão transcendente que as nossas ambições anteriores se apagavam ante o seu clarão.

À medida que o tempo passava, a nossa necessidade de lutar pelo ideal aumentava e transformava-se numa possessão incondicional, cavalgando as nossas dúvidas com rédeas e esporas. Quer o quiséssemos, quer não, transformou-se numa fé. Tínhamo-nos vendido a ela como escravos, algemando-nos uns aos outros às suas grillhetas, curvando-nos perante a sua santidade com toda a nossa boa e a nossa má vontade. A mentalidade dos escravos humanos comuns é terrível – perderam o mundo – e nós tínhamos entregado não apenas o nosso corpo mas também a nossa alma à cobiça dominante da vitória. Por nossa própria vontade, havíamos-nos esvaziado de moralidade, de vontade, de responsabilidade, como folhas mortas ao vento.

A batalha permanente despojava-nos de preocupações pela nossa vida ou pelas dos outros. Tínhamos a corda ao pescoço e as nossas cabeças estavam a prêmio, por valores tais que revelavam que o inimigo nos preparava torturas hediondas se fôssemos apanhados. Todos os dias morriam alguns de nós; e os que continuavam vivos sentiam que não passavam de fantoches sencientes no palco de Deus; na realidade, o

nosso capataz era impiedoso, impiedoso, enquanto os nossos pés doridos conseguissem arrastar-se pelo caminho. Os fracos invejavam aqueles que se cansavam suficientemente para morrer; pois a vitória parecia tão longínqua e o fracasso uma libertação próxima e garantida, embora dura, do sofrimento. Vivíamos sempre com os nervos ora retesados, ora bambos, ora no auge, ora na depressão das vagas do sentimento. Esta impotência era amarga e fazia que vivêssemos apenas para o horizonte que avistávamos, indiferentes ao mal que infligíamos ou suportávamos, visto que a sensação física se revelava mesquinhamente transitória. As rajadas de crueldade, perversões, desejos, passavam ao de leve sobre a superfície sem nos perturbarem; porque as leis morais que tinham parecido proteger-nos destes acidentes patetas deviam ser palavras ainda mais débeis. Tínhamos aprendido que havia dores demasiado agudas, mágoas demasiado profundas, êxtases demasiado elevados, para poderem ser registados pelos nossos seres finitos. Quando a emoção atingia o seu auge, a mente ficava sufocada; e a memória apagava-se até as circunstâncias regressarem à normalidade.

Tamanha exaltação do pensamento, embora deixasse o espírito à deriva e lhe conferisse permissão para vogar em estranhos ares, retirava-lhe o antigo domínio paciente sobre o corpo. O corpo era demasiado grosseiro para sentir o auge dos nossos desgostos e das nossas alegrias. Por isso, abandonávamo-lo como se fosse lixo; deixávamo-lo abaixo de nós para marchar em frente, um simulacro dotado de respiração, ao seu próprio nível, sem assistência, sujeito a influências das quais, em tempos normais, os nossos instintos nos teriam feito fugir. Os homens eram jovens e robustos; e a carne e o sangue quentes reclamavam inconscientemente um direito e atormentavam-lhes os ventres com estranhos desejos. As nossas privações e perigos acalmavam este ardor viril, num clima tão excessivo quanto se possa imaginar. Não tínhamos locais fechados onde pudéssemos ficar sozinhos, nem roupas espessas para ocultar a nossa natureza. Em todas as coisas, o homem vivia ingenuamente com o homem.

O Árabe era, por natureza, continente; e o uso do casamento universal tinha praticamente abolido relações irregulares nas suas tribos. As mulheres públicas das escassas povoações que encontrámos nos nossos meses de viagem não teriam chegado para nós, mesmo que a sua carne ocre tivesse sido aceitável para um homem de gostos saudáveis. Horrorizados ante esse comércio sórdido, os nossos jovens começaram a satisfazer indiferentemente as poucas necessidades uns

dos outros nos seus próprios corpos limpos – uma conveniência fria que, por comparação, parecia assexuada e até pura. Posteriormente, alguns deles começaram a justificar este processo estéril, e juravam que amigos estremecendo juntos na areia macia, com os membros íntimos quentes no abraço supremo, encontravam aí, oculto na escuridão, um coeficiente sensual da paixão mental que fundia as nossas almas e espíritos num esforço ardente. Vários deles, suportando a sede para castigar apetites que não conseguiam evitar completamente, sentiam um orgulho selvagem em degradar o corpo e ofereciam-se ferozmente para qualquer tarefa que promettesse sofrimento físico ou imundície.

Fui enviado para o pé desses árabes como um estranho, incapaz de pensar como eles ou de aceitar as suas crenças, mas compelido pelo dever de os conduzir e de desenvolver ao máximo qualquer movimento deles que pudesse ser vantajoso para a Inglaterra na sua luta. Se não podia assumir o seu carácter, podia pelo menos ocultar o meu, e passar entre eles sem fricção evidente, sem discordar nem criticar, apenas como uma influência despercebida. Como fui seu companheiro, não posso ser seu apologista nem seu defensor. Hoje, nos meus trajos antigos, poderia passar por espectador, obedecendo às sensibilidades do nosso teatro... mas é mais honesto registar que essas ideias e actos eram então considerados naturais. Aquilo que agora parece dissoluto ou sádico parecia inevitável no terreno, ou apenas um hábito pouco importante.

Tínhamos sempre sangue nas mãos; estávamos habituados a ele. Ferir e matar pareciam-nos sofrimentos efêmeros, tão breve e dorida era a vida para nós. Sendo tão grande a dor de viver, a dor do castigo tinha de ser implacável. Vivíamos para o dia de hoje e morríamos por ele. Quando havia razão e desejo de castigar, escrevíamos imediatamente a nossa lição com a espingarda ou o chicote na carne obstinada do desgraçado, e não havia hipótese de apelo. O deserto não permitia os lentos e requintados castigos dos tribunais e das prisões.

Evidentemente, as nossas recompensas e prazeres eram tão subitamente arrebatadores como os nossos sofrimentos; mas, para mim, em particular, era menor o seu volume. Os modos dos beduínos eram duros mesmo para os que neles tinham sido criados, e para os estrangeiros terríveis; uma morte em vida. Quando a marcha ou o trabalho terminavam, eu não tinha energia para registar as sensações, nem, enquanto duravam, tempo para ver a beleza espiritual que por vezes nos invadia no caminho. Nas minhas notas encontram-se mais

coisas cruéis do que belas. Sem dúvida apreciávamos mais os raros momentos de paz e esquecimento; mas eu recordo-me melhor da agonia, dos terrores e dos erros. A nossa vida não se resumia àquilo que escrevi (há coisas que não podem ser repetidas a sangue-frio, tão vergonhosas são); mas o que escrevi existiu e fez parte da nossa vida. Queira Deus que quem ler estas páginas não decida, por amor ao fascínio da singularidade, prostituir-se a si e ao seu talento ao serviço de outra raça.

Um homem que se ponha à disposição de estranhos faz uma vida de animal, pois vendeu a alma a um treinador de animais. Não é um deles. Pode voltar-se contra eles, pode convencer-se de que tem uma missão, transformá-los em algo que eles, por sua própria vontade, nunca seriam. Assim explora o seu próprio ambiente antigo, para os forçar a sair do deles. Ou, segundo o meu modelo, poderá imitá-los tão bem que eles, simuladamente, o imitam também. Então está a sair do seu próprio ambiente, fingindo pertencer ao deles; e os fingimentos são coisas vãs, inúteis. Em nenhum dos casos faz uma coisa sua, nem uma coisa tão límpida que possa tornar sua (sem a ideia de conversão), permitindo aos outros que ajam ou tenham as reacções que lhes agradem, a partir do exemplo silencioso.

No meu caso, o esforço feito durante estes anos para viver disfarçado de árabe, imitando as suas bases mentais, separaram-me do meu eu inglês e fizeram-me olhar para o Ocidente e para as suas convenções com novos olhos; destruíram-no completamente em relação a mim. Simultaneamente, não podia sinceramente meter-me na pele dos Árabes; era apenas uma imitação. Era fácil fazer de um homem um infiel, mas dificilmente se poderia convertê-lo a outra fé. Eu tinha abandonado uma forma sem tomar outra, e tinham-me tornado como o caixão de Maomé da nossa lenda, com a conseqüente sensação de intensa solidão na minha vida, e um desprezo, não pelos outros homens, mas por aquilo que eles fazem. Este distanciamento ocorre, por vezes, com os homens exaustos por um esforço físico e isolamento prolongados. O corpo continua a funcionar mecanicamente, enquanto a mente racional os abandona e, de fora, os olha criticamente, perguntando a si mesma o que fez e porquê aquele traste inútil em que habitou. Por vezes, os dois eus travam conversas no vácuo; e então a loucura está próxima, como creio que se aproximaria do homem que conseguisse ver as coisas simultaneamente através dos véus de dois costumes, duas culturas, dois ambientes.

MAPA I



Capítulo II

A primeira dificuldade do movimento árabe era definir quem eram os Árabes. Sendo um povo fabricado, o seu nome ia mudando de sentido lentamente, ano após ano. Antes, um árabe era uma pessoa natural da Arábia. Havia uma região chamada Arábia; mas nada tinha que ver com o caso. Havia uma língua chamada arábico; e aí residia a dificuldade. Era a língua corrente da Síria e da Palestina, da Mesopotâmia e da grande península a que se chama Arábia nos mapas. Antes da conquista muçulmana, essas regiões eram habitadas por vários povos, que falavam línguas da família arábica. Chamámo-lhes Semitas, mas incorrectamente (tal como com a maioria dos termos científicos). Contudo, o arábico, o sírio, o babilónico, o fenício, o hebraico, o aramaico e o siríaco eram línguas aparentadas; e os sinais de influências comuns no passado, ou mesmo de uma origem comum, eram reforçados pelo conhecimento de que o aspecto e os costumes dos actuais povos de expressão árabe da Ásia, embora tão variados como um campo de papoilas, tinham uma semelhança regular e essencial. Poderíamos, com toda a propriedade, chamar-lhes primos – e primos sem dúvida cientes, ainda que tristemente, do seu parentesco.

As regiões da Ásia onde se falava árabe, neste sentido, constituíam mais ou menos um paralelograma. A face norte partia de Alexandreta, no Mediterrâneo, atravessando a Mesopotâmia, para oriente, até ao Tigre. A face sul era o contorno do oceano Índico, de Áden a Mascate. A ocidente era limitado pelo Mediterrâneo, o canal de Suez e o mar Vermelho até Áden. A oriente, pelo Tigre e pelo golfo Pérsico até Mascate. Este quadrado de terreno, tão grande como a Índia, constituía a pátria dos nossos semitas, onde nenhuma raça estrangeira se fixara em permanência, embora os Egípcios, os Hititas, os Filisteus,

os Persas, os Gregos, os Romanos, os Turcos e os Francos o tivessem tentado várias vezes. Todos tinham acabado por ser dominados e os seus elementos esparsos submersos pelas fortes características da raça semita. Por vezes, os Semitas haviam forçado a saída desta região, tendo eles próprios sido submersos pelo mundo exterior. O Egipto, a Argélia, Marrocos, Malta, a Sicília, a Espanha, a Cilícia e a França absorveram ou obliteraram colónias semíticas. Apenas em Trípoli, na África, e no eterno milagre da Judeia, conseguiram os semitas distantes da sua zona conservar parte da sua identidade e da sua força.

A origem destes povos era uma questão académica; mas, para se entender a sua revolta, as suas diferenças sociais e políticas actuais eram importantes e podiam ser compreendidas pelo estudo da sua situação geográfica. O continente que formavam atravessava algumas grandes regiões, cujas imensas diversidades físicas impunham vários hábitos aos seus habitantes. A ocidente, o paralelograma era enquadrado, de Alexandreta a Áden, por uma cadeia montanhosa, chamada (ao norte) Síria, e a partir daí, progressivamente para sul, chamada Palestina, Midian, Hejaz e, finalmente, Iémen. Tinha uma altitude média de cerca de novecentos metros, com picos de três mil metros a três mil e seiscentos metros. Estava voltada para ocidente, bem provida de água da chuva e das nuvens que vinham do mar e, de um modo geral, totalmente povoada.

Uma outra cadeia de montes desabitados, voltada para o oceano Índico, formava o contorno meridional do paralelograma. A fronteira oriental era, a princípio, uma planície de aluvião chamada Mesopotâmia, mas a sul de Bassorá era um litoral plano, chamado Kuwait, e Hasa, até Gattar. Grande parte dessa planície era habitada. Esses montes desabitados e as planícies rodeavam um golfo de deserto sedento, em cujo coração havia um arquipélago de oásis com água e habitados, chamados Kasim e Aridh. Neste grupo de oásis ficava o verdadeiro centro da Arábia, a reserva do seu espírito nativo e a sua individualidade mais consciente. O deserto envolvia-a e mantinha-a pura de contactos.

O deserto que desempenhava esta importante função em volta do oásis, formando assim o carácter da Arábia, era variado de natureza. A sul dos oásis parecia um mar de areia inexplorado, estendendo-se quase até às escarpas populosas da costa do oceano Índico, separando-a da história árabe e de toda a influência da moral e da política árabes. Hadramaute, como chamavam a esta costa meridional, fazia parte da

história das Índias Holandesas; e o seu pensamento inclinava-se mais para Java do que para a Arábia. Para ocidente dos oásis, entre eles e os montes do Hejaz, ficava o deserto de Nejd, uma zona de cascalho e lava, com pouca areia. Para oriente dos oásis, entre eles e o Kuwait, estendia-se uma extensão semelhante de cascalho, mas com algumas grandes faixas de areia macia, que dificultavam a passagem. Para norte dos oásis ficava uma cintura de areia e depois uma imensa planície de cascalho e lava, que tudo enchia entre o limite oriental da Síria e as margens do Eufrates, onde começava a Mesopotâmia. A possibilidade de travessia, para homens e carros, deste deserto setentrional permitiu que a revolta árabe alcançasse o seu rápido êxito.

As colinas do ocidente e as planícies do oriente eram as zonas da Arábia mais povoadas e activas. Em particular para ocidente, as montanhas da Síria e da Palestina, do Hejaz e do Iémen, entraram amiúde na corrente da nossa vida europeia. Eticamente, esses montes férteis e ricos ficavam na Europa, não na Ásia, tal como os Árabes olhavam sempre para o Mediterrâneo, e não para o oceano Índico, para os seus interesses culturais, empreendimentos e, em especial, para as suas expansões, visto que o problema da migração constituía a maior e mais complexa força da Arábia e tinha carácter generalizado, embora pudesse variar nas diferentes regiões árabes.

Ao norte (Síria), a taxa de natalidade era baixa nas cidades e a taxa de mortalidade elevada por causa das más condições sanitárias e da vida febril da maior parte das pessoas. Consequentemente, o excedente de camponeses encontrava lugares nas cidades e era engolido por elas. No Líbano, onde as condições sanitárias tinham melhorado, verificava-se todos os anos um maior êxodo de jovens para a América, ameaçando (pela primeira vez desde o tempo dos Gregos) modificar o aspecto de toda a região.

No Iémen, a solução era diferente. Não havia comércio com o exterior, nem indústrias de monta para acumular a população em locais insalubres. As cidades não passavam de cidades-mercados, tão limpas e simples como as aldeias comuns. Por isso, a população ia aumentando lentamente; o padrão de vida era muito baixo; e sentia-se, de maneira geral, uma congestão populacional. Não podiam emigrar para o ultramar, porque o Sudão era um país ainda pior do que a Arábia, e as poucas tribos que se arriscaram a atravessá-lo viram-se obrigadas a modificar profundamente o seu modo de vida e a sua cultura semita para poderem sobreviver. Não podiam deslocar-se para norte ao longo

dos montes, porque estavam barrados pela cidade santa de Meca e pelo seu porto de Jeddah; uma cintura estranha, continuamente reforçada por estrangeiros vindos da Índia e de Java e de Bokhara e da África, de muita vitalidade, violentamente hostis à consciência semita, e mantidos, apesar da economia e da geografia e do clima, pelo factor artificial de uma religião mundial. A congestão do Iémen, por isso, tornava-se extrema, e encontrou o seu único escape no Oriente, obrigando os agregados mais fracos da sua fronteira a descer cada vez mais as encostas dos montes ao longo do Widian, a região meio abandonada dos grandes vales com água de Bisha, Dawasir, Ranya e Taraba, que se prolongavam em direcção aos desertos de Nejd. Estes clãs mais fracos eram constantemente forçados a trocar boas nascentes e palmeiras férteis por nascentes mais fracas e palmeiras mais escassas, até finalmente chegarem a uma região onde se tornava impossível continuar a vida agrícola. Começaram então a equilibrar a sua economia precária com a criação de carneiros e camelos e, com o decorrer do tempo, começaram a ficar cada vez mais dependentes desses rebanhos para sobreviver.

Finalmente, com um último impulso da população comprimida por detrás deles, os povos da fronteira (agora quase totalmente dedicados à pastorícia) foram empurrados para fora dos oásis mais afastados para o deserto, transformando-se em nómadas. Este processo, que actualmente se observa em relação a famílias e tribos individuais, a cujas marchas se poderia atribuir um nome e uma data precisos, deve ter estado sempre em curso desde o primeiro dia de pleno povoamento do Iémen. Os Widianos abaixo de Meca e Taif estão cheios de recordações e nomes de locais de meia centena de tribos que daí partiram e que hoje se podem encontrar no Nejd, em Jebel Shammar, no Hamad, até mesmo nas fronteiras da Síria e da Mesopotâmia. Aí era a fonte das migrações, a fábrica dos nómadas, a nascente da corrente do golfo dos viajantes do deserto.

Pois os povos do deserto eram tão pouco estáticos como os povos dos montes. A vida económica do deserto baseava-se no abastecimento de camelos, que se criavam melhor nas pastagens rigorosas das terras altas, com os seus fortes espinhos nutritivos. Desta indústria viviam os beduínos; e ela, por sua vez, moldava-lhes a vida, dividia as áreas tribais e mantinha os clãs em rotação pela sua rota das pastagens de Primavera, de Verão e de Inverno, à medida que os rebanhos pastavam as plantas escassas de cada local, uma após outra. Os mercados

de camelos na Síria, Mesopotâmia e Egipto determinavam a população que os desertos conseguiam sustentar e regulavam estritamente o seu padrão de vida. Assim, também o deserto se encontrava ocasionalmente superpovoado; e nessas alturas verificavam-se deslocamentos e pressões das tribos amontoadas, quando se acotovelavam ao longo dos cursos naturais em direção à luz. Não podiam deslocar-se para sul, em direção à areia inóspita ou ao mar. Não podiam ir para oeste; porque aí os montes íngremes do Hejaz estavam fortemente cobertos pelos povos das montanhas, que tiravam toda a vantagem da sua posição defensiva. Por vezes, dirigiam-se aos oásis centrais de Aridh e Kasim, e se as tribos que procuravam novos lares fossem fortes e vigorosas, conseguiam ocupar parte deles. Se, contudo, o deserto não tivesse essa força, os seus povos eram empurrados para norte, entre Medina do Hejaz e Kasim do Nejd, até ficarem no cruzamento de duas estradas. Podiam dirigir-se para oriente, pelo uade Rumh ou Djebel Shammar, seguir por fim o Batn até Shamiya, onde se transformariam em árabes ribeirinhos do Baixo Eufrates; ou podiam subir, em lentos degraus, a escada dos oásis ocidentais – Henakiya, Kheibar, Teima, Jauf, e o Sirhan –, até que o destino os viu aproximar-se de Jebel Druse, na Síria, ou dar de beber ao gado em volta de Tadmor, no deserto setentrional, a caminho de Alepo ou da Assíria.

Nem nessa altura cessava a pressão; a tendência inexorável para norte prosseguia. As tribos viam-se empurradas até ao extremo das terras cultivadas na Síria e na Mesopotâmia. A oportunidade e o seu próprio estômago convenciam-nos das vantagens de ter cabras e, depois, de ter carneiros; e, finalmente, começavam a semear, nem que fosse apenas um pouco de cevada para os seus animais. Agora já não eram beduínos, e começaram a sofrer, como os aldeões, os ataques devastadores dos nómadas que vinham atrás. Insensivelmente, fizeram causa comum com os camponeses que já ocupavam o solo e descobriram que também eram camponeses. Assim, vemos clãs, nascidos nas terras altas do Iémen, empurrados por clãs mais fortes para o deserto, onde, involuntariamente, se tornaram nómadas para poder viver. Vemo-los vagar, avançando todos os anos um pouco mais para norte ou um pouco mais para leste, conforme o acaso os tivesse feito seguir por um ou por outro dos caminhos dos poços do deserto, para poderem voltar a plantar, tão involuntariamente como quando foram forçados a dedicar-se à vida nómada. Foi esta a circulação que

manteve vigoroso o corpo semítico. Poucos semitas setentrionais havia, se é que havia algum, cujos antepassados não tivessem, numa época negra, atravessado o deserto. A marca do nomadismo, aquela disciplina social extremamente profunda e penetrante, existia em cada um deles até certo ponto.